

**INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO PRÓ-SABER
NORMAL SUPERIOR**

RAFAELLE RODRIGUES PINTO

**O QUE O BRINCAR NA CRECHE REVELA SOBRE: FORMAÇÃO, GESTÃO E
TRANSFORMAÇÃO**

Rio de Janeiro

2012

RAFAELLE RODRIGUES PINTO

**O QUE O BRINCAR NA CRECHE REVELA SOBRE: FORMAÇÃO, GESTÃO E
TRANSFORMAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Normal Superior, com habilitação em Magistério da Educação Infantil.

Orientadora: Dra. Cristina Laclette Porto

Rio de Janeiro

2012

P6581q	<p>Pinto, Rafaelle Rodrigues</p> <p>O que o brincar na creche revela sobre: formação, gestão e transformação / Rafaelle Rodrigues Pinto. – Rio de Janeiro: ISEPS, 2012.– 43 p. il.</p> <p>Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber, 2012. Orientador: Profa. Dra. Cristina Lacleto Porto</p> <p>1. Educação. 2. Normal Superior. 3. Educação Infantil. 4. Brinquedo. 5. Brincar. 6. Espaço. 7. Gestão. I.Título. II. Orientador. III. ISEPS. IV. Instituto Superior de Educação Pró-Saber.</p> <p style="text-align: right;">CDD 372</p>
--------	--

RAFAELLE RODRIGUES PINTO

**O QUE O BRINCAR NA CRECHE REVELA SOBRE: FORMAÇÃO, GESTÃO E
TRANSFORMAÇÃO.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Normal Superior, com habilitação em Magistério da Educação Infantil.

Defendido e aprovado em novembro de 2012.

EXAMINADORES

Profa. Dra. Cristina Lacette Porto
Orientadora

Profa. Esp. Maria Delcina Feitosa

LICENÇAS

Autorizo a publicação deste trabalho na página da Biblioteca do Instituto Superior de Educação Pró-Saber, tornando lícita sua cópia total ou parcial somente para fins de estudo e/ou pesquisa.

Esta obra está licenciada sob uma Licença **Creative Commons**, maiores informações <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/3.0/>.

Rio de Janeiro, 5 de dezembro de 2012.

RAFAELLE RODRIGUES PINTO

Dedico este trabalho de conclusão de curso ao meu Rei,
Senhor dos Senhores, aquele que me amou primeiro e
me deu a oportunidade de estudar em uma instituição que
valoriza a formação do ser.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Jesus, que me sustentou para que eu pudesse estar toda noite em sala de aula em busca de conhecimento.

Agradeço a minha mãe que compreendeu minha ausência durante três anos, deixando a comida pronta e arrumando meu quarto, além de lavar e estender minhas roupas. Seu cuidado foi fundamental. Agradeço por acreditar que eu era capaz e chegaria até aqui.

A minha companhia de artes "Huper", que foi flexível ao compreender minha presença esporádica e que me acompanhou desde o início, dando-me força e incentivo.

A minha irmã, que atua como professora e que me inspirou no caminho de tornar-me uma educadora e que teria capacidade de ir além do que eu pudera ir.

Agradeço as minhas colegas que trabalharam comigo em 2011, Bianca e Marcia, aceitando minhas intervenções em sala de aula, mesmo contra a

vontade delas e que juntas vivemos momentos de alegrias e de conflitos. Agradeço a cada uma por ter feito parte do meu caminhar.

Agradeço à Leticia, minha colega de trabalho, que me ajudou a entrar no mundo da computação e compreender melhor como formatar meu trabalho.

Aos meus melhores amigos, que compreenderam minha ausência nos melhores e difíceis momentos.

Aos meus colegas de turma por aprendermos juntos e, em especial, ao grande amigo que ganhei, compartilhando minha dor e minha vitória, obrigada Leafar!

Agradeço a minha orientadora e professora e a todos os funcionários do ISEPS que me ajudaram em cada noite de estudo.

“O futuro não é uma coisa escondida na esquina. O futuro a gente constrói no presente.”

Paulo Freire

RESUMO

A idéia de pesquisar sobre o valor da brincadeira no desenvolvimento da criança teve como objetivo relatar as transformações da creche em decorrência de mudanças proporcionadas pela formação dos educadores (gestão escolar). Para isso o brinquedo e o espaço foram analisados como um dos principais instrumentos de aprendizagem para a criança pequena. Para provocar a descoberta do mundo de forma lúdica é crucial que exista um professor mediador, disposto a favorecer alterações no espaço e em sua prática pedagógica e se desafiando como modelo. O estudo é resultado do processo de formação da autora no Instituto Superior de Educação Pró-Saber (ISEPS) que tem como foco na concepção democrática de educação, com a criatividade e a autonomia como aliadas.

Palavras-chave: Educação. Educação Infantil. Brinquedo. Brincadeira. Espaço. Formação. Gestão.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 O BRINQUEDO E A BRINCADEIRA NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA PEQUENA	13
1.1 Brinquedo: um instrumento desafiador	13
1.2 Brincadeira: acesso ao brinquedo e ao mundo	15
1.3 Espaço: motivador de desenvolvimento	16
2 CONCEPÇÕES DE EDUCAÇÃO E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS	20
2.1 Espontâneo, autoritário ou democrático?	20
2.2 Estudando a própria prática	21
2.3 O professor como modelo	22
3 MUDANÇAS NA CRECHE, MUDANÇAS NAS BRINCADEIRAS	25
3.1 Creches Castelinho	25
3.2 Espaço físico	26
3.3 Mudança de rumo	27
3.4 Análise das mudanças ocorridas	31
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
BIBLIOGRAFIA	40

INTRODUÇÃO

O ser, desde sua existência, nasce com o desejo de buscar o seu desenvolvimento, que, por sua vez, necessita do outro para encontrar o caminho. A partir de minha experiência de dez anos de trabalho na área de Educação Infantil buscava entender a essência de ser criança e o motivo que me levou a trabalhar nesse campo.

Não entrava na minha cabeça uma explicação plausível para que as crianças fossem obrigadas a fazer três “trabalhinhos” por dia. No primeiro contato que tive com a educação, o professor tinha como única função confeccionar silhuetas e mais silhuetas para a criança completar, colocando olhos, nariz e boca. Tudo era dado pronto. As mãozinhas eram levadas a fazer o perfeito. Eu mesma, na minha ignorância, fazia isso. As crianças até produziam, mas era de forma mecanizada. Conseguiram alcançar os objetivos das professoras (um trabalho perfeito), no entanto, não havia uma aprendizagem satisfatória. E, era necessário repetir muitas outras vezes. Mesmo sabendo que o processo de aprendizagem também acontece pela repetição, isso não significa que devemos ser mecânicos, cerceando assim a criatividade da criança.

Este mundo era desconhecido para mim e não sabia que me envolveria com este público tão pequenino. Minha expectativa era fazer educação física. E esse desejo me levava a pensar que, afinal, estava ali por uma necessidade. De repente, minha visão, meus sentidos, minhas emoções foram totalmente impactados, quando tive a oportunidade de ser professora de uma turma de berçário. O desequilíbrio se deu no final do ano, ao ver como aquelas crianças, tão pequenas, se desenvolveram e aprenderam tantas coisas em tão pouco tempo. Eu me senti responsável por grande parte daquele processo. O que me fisgou de verdade; balançou minhas estruturas foi saber que, no ano seguinte, eu não estaria com elas e nem poderia acompanhá-las, nem mesmo a distância. Nunca imaginei que tudo acabaria em lágrimas!

Este sentimento me deu forças para continuar. Fui atuar em outro espaço de Educação Infantil, a Creche Castelinho. Inicialmente, achei o espaço maravilhoso! A necessidade de brincar de toda criança era latente e parecia ser respeitada. Na maior parte do tempo, as crianças passavam brincando livremente, sem nenhuma intervenção ou estímulo do professor. No início, eu adorei, não teria que manter

crianças tão pequenas presas a folhas de papel mimeografadas.

O tempo passou e o discurso continuava o mesmo. Ouvia que o professor teria que se preocupar com o cuidar e o brincar, já que ambos eram fundamentais para o desenvolvimento da criança pequena. Isto me incomodava por saber que as brincadeiras propostas eram pouco interessantes.

O Projeto Político Pedagógico era fundamentado nos teóricos Piaget e Freinet e apostava na importância do brincar, mas a interação dos professores com as crianças, durante a brincadeira, era quase nenhuma.

Quando passei a estudar no Instituto Superior de Educação Pró-Saber (ISEPS) este tema se tornou mais claro e me desequilibrou, aguçando o meu olhar. Passei a observar as crianças brincando para saber como intervir no sentido de provocar a aprendizagem. Escolhi o ato de brincar como tema norteador de minha monografia, pois compreender a sua importância na Educação Infantil era um desafio.

Esta monografia ficou organizada da seguinte maneira: O primeiro capítulo traz a fundamentação sobre a importância da brincadeira, o valor existente no brinquedo e num espaço favorável para o desenvolvimento da criança. O segundo capítulo está organizado em três momentos: a definição das três concepções de educação (espontânea, autoritária e democrática); o meu processo de formação, dentro da concepção democrática e o papel do professor como um modelo. Já no terceiro capítulo, apresento o trabalho de pesquisa que foi feito na Creche em que atuo. Este é um capítulo que fala sobre o espaço físico e o ambiente, revelando as mudanças que ocorreram durante um determinado tempo. E no último capítulo, faço uma reflexão sobre este processo.

Ao longo deste trabalho, podemos observar o valor que existe na brincadeira para o desenvolvimento infantil e as transformações que uma instituição de educação precisa sofrer para provocar o crescimento de todo o corpo docente e evidenciar a criança como sujeito principal. As mudanças ocorridas favoreceram não somente as crianças, mas a formação de todos que trabalham na creche.

1 O BRINQUEDO E A BRINCADEIRA NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA PEQUENA

Ao longo da elaboração de meu trabalho de monografia, pesquisei e li alguns autores que dedicaram a compreender a prática pedagógica, abordando o desenvolvimento da criança; o papel do espaço e da brincadeira na Educação Infantil. São assuntos muito atuais, devido ao processo de valorização da criança nos últimos tempos e à mudança de olhar em relação às funções da creche e da pré-escola.

Maranhão (2004) foi uma das autoras estudadas. Com base em Fröebel, Piaget e Vygotsky, ela afirma que o desenvolvimento da criança depende da atitude construtiva e espontânea, considerando a linguagem como forma inicial de expressão social, mas apontando também o brinquedo e as expressões artísticas como caminhos para a criança expor o que pensa e sente.

Mostra que os bebês adquirem conhecimento sobre os objetos através de suas interações e que os laços de afetividade, presentes na relação do adulto com a criança, estabelecem uma relação de confiança, que facilita a aprendizagem. O adulto é o grande responsável pela inserção da criança no mundo que, por meio da brincadeira, vai se desenvolver socialmente, conhecerá as atitudes e habilidades necessárias para viver em seu meio social. Na sua imaginação imitativa, ela aprenderá a conviver com atividades culturais, e com as regras que regem o mundo dos mais velhos.

1.1 Brinquedo: um instrumento desafiador

Para aprofundar o que afirmava a autora, mergulhei em Brougère (2006) que estuda o brinquedo como um objeto inserido na cultura e que tem o papel de despertar imagens que dão sentido às ações. O brinquedo é encharcado de sentido funcional, no qual está inserido um valor simbólico (ou significação social produzido pela imagem), essencial para sua construção. Sem esta função o brinquedo pode perder seu sentido usual. O que predomina e dá sentido ao brinquedo é o simbólico que se torna sua principal função.

Com seu valor expressivo, o brinquedo estimula a brincadeira ao abrir possibilidades de ações coerentes com a representação: pelo fato de representar um bebê, uma boneca-bebê desperta atos de carinho, de troca de roupa, de dar banho e o conjunto de atos ligados a maternagem. Porém não existe no brinquedo uma função de maternagem, há uma representação que convida a essa atividade num fundo de significação (bebê) dada ao objeto num meio de referência. (BROUGÈRE, 2006, p. 15-16)

Assim como uma obra de arte, rica e valorizada por seu valor simbólico, o brinquedo é pautado pelo simbólico, mas tem também uma função de uso. O que ajuda a afirmar que a dimensão funcional vem se fundindo com o valor simbólico e sua significação enquanto imagem. É importante justificar que o brinquedo torna-se funcional. Veremos o valor usual dado à palavra brinquedo que pode designar desde o objeto lúdico reconhecido com tal até jogos de construção, de habilidades, jogos eletrônicos ou de vídeos. Todos pressupõem uma função, na qual o significado se revela através das regras de um jogo da sociedade ou do princípio da construção (jogos de encaixe, montagem). Cada vez mais, a função justifica o objeto na sua existência, como suporte. Não necessariamente os jogos estabelecidos pela sociedade são em sua totalidade, lúdicos. Cada vez mais, as representações de papéis dentro da sociedade estão visíveis, incluindo regras e aspectos da vida social, quando não se referem ao imaginário. Valor simbólico e função estão associados, por exemplo, no jogo de xadrez. Brougère (2006) afirma que “no caso do jogo de xadrez, a imagem desapareceu sob a estrutura do jogo, cujas peças significam os aspectos diferentes pela sua própria forma, podendo o jogador esquecer os símbolos ancestrais subjacentes”. (p.12-13)

Na língua portuguesa, o termo brinquedo tem um significado diferente do termo jogo. No jogo, os participantes devem seguir uma regra pré-estabelecida. No caso do brinquedo, a função é mais precisa: é um objeto que a criança manipula, livremente, sem estar condicionado a essas regras. No entanto, regras serão negociadas entre os parceiros, enquanto durar a brincadeira. Outra diferença palpável entre jogos e brincadeiras é o valor dado aos distintos objetos. Brougère (2006) relata que o brinquedo é um objeto infantil, em que o adulto se vê muitas vezes inibido diante da possibilidade de estabelecer uma relação de simples brincadeira. Já o jogo é utilizado por ambos, deixando o adulto em uma posição lúdica mais confortável. Brougère apontou que o brinquedo traz consigo uma história e é pleno de significados e funções, mas a criança apropria-se dele incorporando o

seu mundo no jogo simbólico (imaginativo, criativo e fantasioso).

Em minha infância, como na de muitas outras crianças, transformava um pedaço de madeira em bonecas, vestia uma blusa já velha ou um pedaço de pano, para fazer a roupa, sem esquecer-me de desenhar, com o lápis, os olhos, a boca e o nariz. Depois, junto com as colegas, ia brincar de casinha. Hoje, as crianças transformam o seu próprio brinquedo em outro que deseja: o carrinho pode se transformar em um avião e a caixa de brinquedos em um grande carro.

Bomtempo (2011) ressalta que a criança, em seu ato de brincar, assimila o mundo a sua maneira, sem compromisso com o real e sem depender da função estabelecida pelo objeto (brinquedo), mas pelas atribuições que estão inseridas na própria criança. A autora esclarece que:

Este tipo de jogo recebe varias denominações: jogo imaginativo, jogo de faz de conta, jogo de papéis ou jogo sócio dramático. A ênfase é dada à "simulação", ou faz de conta, cuja importância é ressaltada por pesquisas que mostram sua eficácia para promover o desenvolvimento cognitivo e afetivo-social da criança. (BOMTEMPO, 2011, p. 64)

O brinquedo é um objeto específico e por muitas vezes retrata o mundo real. A brincadeira está totalmente ligada a este objeto, principalmente, por ser sua principal função. Todavia isto daria à brincadeira uma especificidade precisa, por ter a criança à capacidade de construir seu próprio objeto de pesquisa. Esta é uma característica que desvia o uso habitual dos objetos que a cerca. Quando ela, em uma situação imaginária, utiliza um objeto qualquer, transformando-o em uma boneca, depois em carrinho e assim transformando-o de acordo com o que tem significado para si mesma, ela ressignifica, o objeto. Ou seja, ela tem a capacidade de transformar, criar e recriar, através do seu mundo lúdico (brincadeira), partindo de suas próprias experiências vividas.

1.2 Brincadeira: acesso ao brinquedo e ao mundo

Através da brincadeira a criança reelabora seus sentimentos e vivencia o que lhe é interno e ainda não compreendido por ela mesma. A criança pequena sente constantemente a necessidade de se adaptar ao mundo social dos adultos, na tentativa de entender as regras, objetos e situações que acontecem a sua volta. Explorando o espaço e materiais para o seu desenvolvimento cognitivo e afetivo

social. Os aspectos internos são trazidos, pela criança, para o campo real, elaborando com a ação do brincar e constituindo o seu eu. É na brincadeira que a criança se apropria dos conhecimentos.

O mundo objetivo da criança se expande a todo o momento. Inicialmente, os objetos são explorados de várias maneiras. Dessa maneira, a criança começa a descobrir tudo que está em torno de si, colocando-se embaixo da mesa, subindo nas cadeiras, jogando os brinquedos no chão, etc. Esses movimentos tomam um novo rumo, quando a curiosidade de fazer parte do mundo adulto e de compreender como tudo funciona, eclode e é incentivada. As ações da criança se voltam para a dramatização do que acontece no mundo adulto e dos objetos que elas mesmas não podem usar. O interesse se volta para uma esfera mais ampla da realidade e, seqüencialmente, sente a necessidade de agir sobre ela. Este é um momento em que a criança passa a atuar de forma interpretativa sobre aquilo que não tem acesso, como trocar a fralda de um bebê ou fazer comida.

O fantástico, o imaginário, expressos na brincadeira da criança quando fala com um cabo de vassoura "como se" fosse um cavalo, fica zangada com seu cãozinho imaginário porque faz sujeira no tapete da mamãe o transforma a pedra em pássaro, mostram uma mistura de realidade e fantasia, em que o cotidiano toma outra aparência, adquirindo um novo significado..... No sonho, na fantasia, na brincadeira de faz de conta desejo que pareciam irrealizáveis podem ser realizados.(BOMTEMPO, 2011, p. 77).

Segundo Melis (2007), surgem necessidades não realizáveis imediatamente, dando a ela motivos para brincadeiras, ou seja, este movimento gera novas brincadeiras imaginativas (atividades que não são possíveis de serem realizadas por elas no cotidiano). Ela aponta que a melhor forma da criança satisfazer essa necessidade de agir como adulto, é através da brincadeira.

Os nossos pequenos cientistas iniciam suas vidas descobrindo coisas inimagináveis. Melis aborda também a importância do espaço e sua modificação para o desenvolvimento deste ser tão pequeno, que chega ao mundo com sede de descoberta.

1.3 Espaço: motivador de desenvolvimento

A curiosidade da criança vai além do que um espaço tradicional de educação pode oferecer. Tanto o adulto quanto a criança são capazes de aprender, partindo do

que compreendem através de mensagens passadas, mas também de todos os seus sentidos. Pensar em um espaço motivador de experiências é pensar em como gerar situações no próprio espaço, oportunizando a experimentação de andar, correr, entrar, abrir, explorar diversos objetos, pegar, mexer, ler e trocar. Todo o âmbito escolar, e não somente as salas de aula, devem favorecer uma troca de experiência, entre todo corpo docente, criando uma atmosfera alegre e satisfatória, facilitando a descoberta. Um espaço rico, que permite a criança expressar seu sentimento (desejos, vontades), vivenciando todas as linguagens possíveis, parte do estímulo e dos desafios provocados pelo educador.

Para um amplo desenvolvimento, a criança precisa vivenciar todas as linguagens igualmente, sem colocar uma ordem de importância. A linguagem oral deve ser estimulada juntamente com a linguagem corporal (movimentos), a escrita desenhando e também a plástica, ao mexer com tintas, giz e outros instrumentos que produzem arte. (MELIS, 2007, p. 31-32)

A criança cresce em espaços norteadores de desenvolvimento através da brincadeira. Em casa, mesmo que pareça não ter significado, ela brinca com uma caixa de papelão, que restou do fogão novo ou com os simples lápis de cor do irmão mais velho. Brinca também de esconder brinquedos, a si mesmo e suas mãos. Essas são brincadeiras feitas pelos adultos com o bebê e que geram muitas gargalhadas.

Conforme a criança cresce, a experimentação do espaço torna-se mais real e ela descobre e faz a leitura do seu mundo, tornando-se capaz de pensar e nomear com os gestos. À medida que o tempo vai passando a solicitação do adulto e de outras crianças é mais constante nas brincadeiras. Melis (2007) ressalta que:

(...) é por meio da descoberta que contempla a experiência, da observação de seu ambiente, que a criança constrói seu conhecimento, modifica situações, refaz seu modo de pensar, interpreta e busca soluções fatos novos, o que favorece desenvolvimento intelectual da criança. (MELIS, 2007, p 35.)

Brincar na escola não é a mesma coisa que brincar em casa ou na rua. A escola é marcada por suas características, forma de funcionamento e funções. É um espaço que deve ser constituído para o mundo da criança, nas relações pedagógicas e no espaço físico. Entretanto sendo a escola um espaço de desenvolvimento é compreensível que ele possa ser modificado, utilizando-se um instrumento essencial para o educador que é o ato de planejar.

Hoje em dia, os cantinhos estão sendo bem divulgados nas creches como geradores de pesquisas e grandes descobertas. São espaços simples de serem criados e reorganizados. Sabe-se que, nas creches públicas, as verbas (dinheiro que as creches do município recebem para fazer tudo que necessitam, exceto a alimentação), são baixas para o gerenciamento de uma instituição de ensino. Mas é possível gerar espaços criativos, como os cantinhos de brinquedos, de histórias, de fantoches, de sucatas e de roupas e sapatos. Uma escola motivadora de conhecimento é então aquela, que busca sua transformação, visando a criança. Com o poder criativo, esses espaços se tornam reais com materiais que possivelmente seriam jogados fora ou doados.

Em minha prática em sala de aula, já foi possível realizar várias situações interessantes. Certa vez, as crianças demonstraram interesse, quando uma educadora tirava os sapatos e os deixava no canto. Elas os calçaram e saíram pela sala brincando. Com as roupas já velhas, sapatos, bolsas, entre outros acessórios que toda mulher tem em sua casa, é possível montar o cantinho da dramatização. Com latas, garrafas, palitos, grãos, a massinha que já endureceu e jornal, são possíveis montar uma pequena bandinha, estimulando ritmo, percepção auditiva e criatividade. Estes são exemplos reais que visivelmente partiram do interesse das próprias crianças, que se expressaram não somente pela fala, mas por gestos e ações.

O uso dos espaços está relacionado à aprendizagem. É preciso reconhecer que as crianças aprendem conceitos, testam hipóteses, percebem detalhes quando interagem com o mundo concreto com o qual convivem. Toda atividade deve ser conduzida de modo a oferecer oportunidade para que a criança assuma responsabilidades individuais e com os colegas. (MELIS, 2007, p. 31)

O espaço escolar deveria sofrer várias transformações que pudessem enriquecer o cotidiano das crianças. A mobília e os brinquedos, quando colocados ao seu alcance, favorecem a construção de autonomia.

Com os grupos de crianças na creche não foi diferente. O reflexo se deu notadamente quando desenvolveram o hábito de escolher seus objetos para brincar, expressando seu desejo. E, o mais assustador foi perceber a autonomia gerada na turma de berçário, em seus momentos rotineiros de alimentação. O acesso aos brinquedos, às histórias e a outros objetos foi facilitado. Além disso, eles passaram a se alimentar sem ajuda, num tempo menor do que era esperado. Alguns tiveram a iniciativa de ir até a janela da cozinha, onde é servido o almoço e o jantar, para

solicitar às cozinheiras um pouco mais de comida.

Um espaço que dá voz e vez às crianças oferece um campo de possibilidades para que cresçam mais autônomas e seguras. O fato explicitado acima revela o resultado de um trabalho feito em sala de aula e que deixou que as crianças se apropriassem do espaço e dos objetos com mais autonomia. Este trabalho não resultou somente nas atividades propostas ou nas brincadeiras, mas no desenvolvimento da criança como um todo. Basta que o olhar do educador se volte para promover situações como essa e perceba a evolução causada por essas ações simples e provocativas, para inspirar-se para novas ações.

2 CONCEPÇÕES DE EDUCAÇÃO E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Ser professor é buscar seu próprio crescimento. O fazer-se professor em seu ato de lecionar é tornar-se, a cada dia, um novo educador, que busca meios para saciar não a si mesmo, mas para provocar o educando a buscar sua forma própria de pensar, dizer e agir.

2.1 Espontâneo, autoritário ou democrático?

Durante toda a pesquisa observei os profissionais atuavam no cotidiano. Notei que costumavam dar liberdade para as crianças se relacionarem umas com as outras e com os brinquedos, mas não tinham um planejamento. Percebi que estes, em suas práticas, acreditavam fazer o que era democrático, quando, na verdade, alternavam entre assistencialismo, espontaneísmo e autoritarismo. A experimentação que a criança fazia era aguçada apenas pelo próprio interesse. Não havia outros estímulos. Um lugar que provoca curiosidade deve ser planejado e organizado para ser gerador de descobertas.

Em uma concepção que valoriza o desenvolvimento da criança no brincar sem que, no entanto, compreenda o que de fato significa brincar e sem saber a importância desse ato espontâneo da criança, perde o sentido específico e o significado das ações (brincadeiras).

A prática docente crítica, impicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre fazer. O fazer que a prática docente espontânea ou quase espontânea, "desarma", indiscutivelmente produz é um saber ingênuo, um saber de experiência feito, a que falta a rigorosidade metódica que caracteriza a curiosidade epistemológica do sujeito. (FREIRE, Paulo, 2010, p. 38)

Nas aulas com a professora Madalena Freire, no Instituto Superior de Educação Pró-Saber (ISEPS), buscava um olhar introspectivo que analisava minha prática como educadora e identifiquei os momentos que mais me afligiam, pois o educador precisa conhecer a criança que está dentro de si; encontrar-se para poder compreender o mundo dos pequenos e assim abrir os olhos para valorizar os momentos de descoberta, na relação com os indivíduos e com o meio.

Madalena (2010) aborda esse processo de aprender a educar e diz que busca

o “educador que se disponha a aprender enquanto ensina, trabalhando seus ranços autoritários e espontaneístas na tentativa, na busca da construção de uma relação democrática” (página 31). Quando se refere ao ranço autoritário, ela toca em todos nós, pois este está em nosso sangue. É muito mais fácil para um educador transmitir o conhecimento para o educando, dizendo: “agora está na hora da rodinha, vamos cantar a música do sapo!” Muitas vezes a criança não quer ficar naquele movimento, levanta, se coloca debaixo da mesa e procura outras coisas, menos a rodinha (neste momento o desejo dessa criança não está na rodinha de música). Mas, o educador insiste em dizer: “você tem que ficar aqui (na rodinha)”.

A autora afirma que “a concepção autoritária, quando nega, castra a expressão do desejo do educando (e educador); quando defende a passividade, a homogeneidade e doa mecanicamente conhecimento, faz do educando um mero repetidor de conhecimento.” (p. 33)

Este é um movimento que acontece constantemente na prática pedagógica e que por vezes se confunde com a concepção democrática. Ser democrático não significa deixar as crianças livres em um espaço, com mobílias e diversos tipos de materiais, mas sem nenhum tipo de intervenção.

2.2 Estudando a própria prática

Ao rever meu processo de formação, percebi que meu olhar começou a ser transformado, quando passei a me observar, escrevendo como eram as atividades ocorridas a cada dia, valorizando o desenvolvimento das crianças e o retorno que elas me davam. Desenvolvi, portanto, um olhar mais crítico em relação a minha própria prática. “Observar, olhar o outro e a si próprio, significa estar atento, buscando o significado do desejo, acompanhando o ritmo do outro, buscando sintonia com este” (FREIRE, p. 32). Passei a fazer um registro diário num caderno, para tentar compreender de que modo os instrumentos metodológicos exercitados na minha formação como aluna do ISEPS poderiam ajudar-me a identificar e valorizar cada indivíduo em sua singularidade para fazê-lo refletir. A reflexão do educador possibilita:

Rompimento da anestesia do cotidiano, rotineiro, acelerado, compulsivo, passivo, cego; O distanciamento necessário para tomar consciência do que se sabe (e pensar que não sabe) e que ainda não se conhece; Tecer um

diagnóstico da hipótese adequada e inadequada na prática pedagógica; A sistematização do estudo da realidade pedagógica, ao mesmo tempo, possibilita o casamento entre prática e teoria; Instrumentalizar o acompanhamento do processo de formação do educador (apropriação do seu pensamento, sua autoria) e alicerçar o processo de transformação, mudanças; Constatar quais são as contradições entre seu pensar teórico e sua prática, entre seu pensar-fazer com o dos outros; Resgatar sua história para poder pensar melhor sua prática (atual) de educador e que teoria vem alicerçar sua prática; Elucidar sua opção pedagógica e política no ato de educar para fabricar a construção do desejo, sonhos de vida e esperança. (FREIRE, 2010, p. 31-32)

O primeiro passo foi tentar me descobrir como educadora e ter um novo olhar para cada aluno, valorizando-os em suas diferenças. Diante desse exercício, novo mundo se abria frente aos meus olhos. Era maravilhoso vivenciar minha infância em uma retrospectiva em sala de aula e ter o desejo de trazer para os meus alunos, tudo o que vivi de experiências ao ar livre, no contato com a natureza e na liberdade de criar e recriar com os bolos feitos de terra e água. Durante o curso, ouvia sobre a possibilidade de acolher as crianças respeitando-as em seus momentos, dando oportunidades para serem elas mesmas e expressarem os seus sentidos, o que pensavam o que desejam, sem impor uma única direção, mas por meio de ações aparentemente simples.

Todos os espaços de educação deveriam ter os momentos da escrita espontânea. Quando respeitamos o momento da criança, ela se sacia de seus rabiscos e se direciona para outra atividade, sem que haja pressão forte para que isso aconteça.

Neste processo de descoberta e construção de mim mesma nas observações que eu fazia para a pesquisa, compreendia como deveria ser o papel do educador numa prática pedagógica democrática:

(...) saber que ensinar não é transferir conhecimento é fundamentalmente pensar certo — é uma postura exigente, difícil, às vezes penosa, que temos de assumir diante dos outros e com os outros, em face do mundo e dos fatos, ante nós mesmo. (FREIRE, Paulo, 2010, p. 49)

2.3 O professor como modelo

Inicialmente, gostaria de ressaltar que o professor dentro de qualquer concepção está em constante processo de construção do exercício de sua prática pedagógica, em qualquer função que atue dentro da educação. O professor, que

acredita chegar a um estágio pleno de sua carreira, se engana, pois os seres humanos estão continuamente em formação como pessoas e em tudo que fazem e nunca estarão saciados, porque “somos incompletos”, como diz Madalena Freire. Com nesta convicção acredito que o professor deve buscar saber em que concepção sua prática está apoiada.

Para um realizar uma prática democrática o professor deve ser o mediador do conhecimento, apresentando a proposta e junto aos seus educandos encontrar as possíveis respostas através da experimentação. Ele é um modelo para seus educandos.

Na concepção espontaneísta, os modelos são abolidos pelo educador, os parâmetros de crescimento são negados. O educador desta concepção acredita que a criança nasce com a capacidade de recriação, de ser livre e autônoma. Mas, “o processo de autonomia é um aprendizado cotidiano e permanente, em que, na interação com o outro se educa a própria liberdade.” (FREIRE, 2010, p.73-74) Este processo se dá na relação com o coletivo; a liberdade é social e coordenada por um educador (modelo) que não se assume como modelo e nega aos seus educandos a capacidade de desenvolverem sua própria autonomia.

Na concepção autoritária, ocorre o oposto, o modelo é o professor de forma rígida e cristalizada; o educando realiza seus trabalhos, exatamente como explicitado pelo modelo (professor), retraindo a capacidade de recriação. Impede-se a construção do pensar, pois é através da crítica e da reinvenção que o ser se constitui, refletindo e argumentando. O educador, sendo ele professor, coordenador pedagógico ou diretor, deve ter consciência de seu papel como modelo.

Na concepção democrática o professor assume que exerce o papel de modelo, quando seu educando tem o desafio de encontrar seu próprio jeito de recriar como fazem as crianças que, quando longe, não fazem a imitação exata do modelo e no decorrer do tempo passam a brincar com esta imitação, repetindo falas e ações do modelo, mas inserindo suas próprias falas. “As intervenções do educador vão instrumentalizando o educando para que passe ao segundo movimento de re(a)presentar o modelo, de usar próprias palavras, as suas próprias ideias”, até que consiga diferenciar o que é imitação e o que é de sua criação. É o professor que faz a mediação para que este processo ocorra. (FREIRE, M, 2010, p. 74)

A função desse educador não é ser uma cópia exata do modelo, mas uma referência para o seu desenvolvimento de criação. Como na vida de todos que almejam conquistar algo, precisam de um alvo. Este alvo a ser alcançado é o modelo almejado. Por exemplo: um ator em sua profissão se espelha em outro ator, buscando estudos e características para se constituir como profissional; muitos alcançam esse alvo (modelo) e não param, vai além desse alvo.

Quando o professor é valorizado como modelo, a oportunidade da criança transformar o real é dada, ampliando-se e possibilitando-se a construção do processo de diferenciação, gerando autonomia.

Superar modelos, reconhecendo o quanto foram importantes e fundamentadores de nosso saber atual, para avançarmos, ampliando nosso conhecimento na construção de nosso vôo (pensamento) próprio, único, original como o próprio choro ao nascer (FREIRE, 2010, p. 76).

O modelo é aquele que rege uma orquestra sucintamente, com sua autoridade desafiadora de muitos, capaz de fazer grandes mudanças partindo do que acredita. Ser democrático nada mais é do que dar voz e vez e reconhecer a si mesmo, é lidar com seus medos e anseios, ter vontades e colocá-las em prática.

3 MUDANÇAS NA CRECHE, MUDANÇAS NAS BRINCADEIRAS

As mudanças que aconteceram durante o meu processo de formação foram fundamentais para ampliar meu olhar, e poder ver, no concreto, a teoria sendo colocada em prática, não só por mim, mas por outros profissionais também. Pude compreender a importância da formação para um fazer pedagógico que consegue promover transformações na instituição e na formação de cada indivíduo.

3.1 Creches Castelinho

A Creche Castelinho é uma Instituição Municipal situada na Estrada da Gávea n.º 308, travessa Samaritana n.º 22, Gávea – Rocinha, em uma área de difícil acesso. Foi fundada em 1992 pelas mulheres da Comunidade, numa luta onde a conhecida Dona Uêga fez parte de forma atuante.

Na época em que comecei a levantar dados para minha pesquisa, segundo semestre de 2011, atendia a cerca de 108 crianças, englobando os excessos, na faixa etária de 6 meses a 3 anos e 11 meses. Está sob a responsabilidade da Secretaria Municipal de Educação (SME), atendida pela 2ª Coordenadoria Regional de Educação (CRE), sendo que os funcionários são vinculados a uma Organização Social Civil (OSC).

Instalada em um pequeno prédio de 03 andares, não possui infraestrutura adequada e ideal para o atendimento à faixa etária a qual se destina. Na parte térrea localiza-se o *hall* de entrada (adaptado para refeitório), secretaria, almoxarifado, cozinha, despensa, lavanderia e banheiro. Os demais andares possuem a mesma estrutura física: duas salas de aula, um banheiro infantil e uma sala de banho em cada andar. Não possui solário, pátio, quadra própria ou área externa. Não tem sala de leitura, biblioteca, sala multidisciplinar e nem sala de primeiro atendimento. São apenas 4 salas onde funcionam 02 turmas de Berçário, 01 turma de Maternal I e 01 turma de Maternal II, com capacidade para 25 alunos cada, ou seja, 100 crianças matriculadas e atendidas em horário integral. O quadro de funcionários é composto por 32 pessoas.

Tabela 1: Funções

Função	Empresa	Carga horária	Quantitativo
Direção	Prefeitura do Rio de Janeiro	4 horas e meia	02
Agente auxiliar de creche	Prefeitura do Rio de Janeiro	6 horas diárias	20
PI	Prefeitura do Rio de Janeiro	4 horas e meia	04
Cozinheira	OSC	6 horas	04
Serviços gerais	OSC	8 horas	02

Fonte: Lavra da autora

3.2 Espaço físico

Em 2010 a creche passou por grandes transformações interiores e exteriores. Com as poucas verbas recebidas anualmente reformas nas salas, banheiros e refeitório puderam ser feitas. Foram colocados ladrilhos, pintura para se criar um espaço confortável. Com toda essa melhoria física, a creche passou a ter uma nova cara. O crescimento ocorreu gradativamente ao longo de seis anos. Com a obra do PAC (PROCESSO DE ACELERAÇÃO E CRESCIMENTO) na Rocinha, a quadra em frente à creche foi restaurada, gerando um ambiente mais limpo e organizado para o uso das crianças.

Fig. 1 - Creche antes



Fonte: Acervo da Creche

Fig. 2 - Creche depois



Fonte: Acervo do Autor

A Creche Municipal Castelinho transformou-se em um pólo de matrículas. A imagem da creche ruim fora desfeita pelo acompanhamento realizado pela direção junto às famílias, mantendo um dialogo e informando sobre as propostas que seriam trabalhadas dali em diante. Com a parceria de toda a equipe da creche que apoiava as idéias propostas e discutia com a direção, a necessidade de tornar o espaço confortável e acolhedor para se cuidar e educar as crianças foi restaurado. Atualmente, a creche é muito conhecida e bem falada. O publico alvo é formado por todas as crianças da Rocinha, independentemente se moram no alto da comunidade ou embaixo. Os pais estão sempre à procura da Creche Castelinho. São crianças brancas, negras e pardas. A grande maioria é de origem nordestina, pois 60% da população da Rocinha é do nordeste ou suas famílias ainda estão lá. Uma pesquisa feita com 25% dos pais de alunos comprova que essa transformação ocorrera de verdade. O lugar ficou muito almejado.

Tabela 2: Indicações

LOCALIZAÇÃO	TIVERAM FILHOS NA CRECHE	INDICAÇÕES
12%	16%	72%

Fonte: Lavra da autora

Neste gráfico, comprova-se que a grande maioria recebe indicações sobre a creche como um lugar que tem bons profissionais e um atendimento qualificado.

3.3 Mudanças de rumo

A Creche Castelinho é uma instituição que está tomando um caminho que aposta na Importância de brincar, como direito da criança. Inicia-se uma etapa de construção e crescimento pedagógico, devido, em parte, à formação dos professores e agentes auxiliares de creche, que estão estudando e à troca de direção.

Em 2007, houve o concurso de agente auxiliar de creche, todas que quisessem permanecer em sua função teriam que realizar o concurso. A maioria não teve escolha e fez a prova. No mesmo ano chegou uma coordenadora pedagógica. No ano seguinte, grandes mudanças aconteceriam nas primeiras convocações para tomar posse do cargo de agente auxiliar de creche, que ocorreria em maio. Chegaram novas educadoras com nível de escolaridade superior e outras que ainda estavam cursando.

A partir de 2009, a concepção aparentemente democrática passou a ser posta em prática, pois, a meu ver, a concepção que prevalecia anteriormente era muito mais assistencialista e espontaneísta.

O direito de brincar estava muito longe, reforçando a política do assistencialismo e apoiado numa concepção espontaneísta. Alguns educadores apenas espalhavam os brinquedos de qualquer maneira e ficavam observando as crianças brincarem durante horas, sem nenhuma intervenção. Era “o tempo livre”. Enquanto isso, outros, tentavam usar sua criatividade para proporcionar brincadeiras sem brinquedos.

A importância do brincar estava na base do Projeto Político Pedagógico (PPP) da creche. No entanto, esse PPP foi construído pela antiga diretora e nunca foi discutido e nem ao menos apresentado ao corpo docente da instituição. A direção sempre priorizou a importância do cuidar. Apesar de constar do documento, tal importância não era acompanhada de uma prática condizente. Quando os brinquedos já estavam em más condições de uso, por exemplo, outros eram doados por alguns responsáveis das crianças. As verbas recebidas para esse fim eram investidas em reformas no prédio.

A troca constante de educadora contribuía também para que o PPP não fosse tão conhecido pelos profissionais que atuavam na creche e pouco divulgado pela coordenação. O planejamento era feito com base no conhecimento de cada educador, sendo que alguns possuíam nível fundamental e outras o nível médio. Os compromissos assumidos pela instituição são:

↑ *Ser uma excelente creche, atendendo as necessidades dos pais em acolher, cuidar e educar seus filhos, enfocando os aspectos sociais, educacionais e participativos.*

↑ *Desta forma, traçamos um caminho. O caminho do prazer em brincar, do aprender, seja nas nossas conversas diárias, seja nas nossas reuniões de pais, seja nos nossos centros de estudo.*

Filosofia

↑ *Nossa filosofia é reconhecer o ser único e singular que cada aluno é respeitando-o e incentivando-o para seu pleno desenvolvimento como cidadão.*

Objetivos

↑ *Desenvolver um trabalho pautado em princípios e normas da Secretaria Municipal de Educação.*

↑ *Desenvolver um trabalho, onde os princípios democráticos sejam respeitados, oferecendo educação para todos independentes de cor, sexo, credo, nível sócio-econômico ou mesmo sendo portador de algum tipo de deficiência.*

↑ *Promover a integração de todos da comunidade escolar.*

↑ *Aplicar metodologias baseadas nos recursos modernos de educação, levando em consideração que o “processo de aprender depende do vínculo entre quem aprende e quem ensina”.*

↑ *Adotar critérios de avaliação levando em consideração as diferenças individuais.*

↑ *Preparar os alunos para o exercício pleno de sua cidadania.*

↑ *Transformações recentes na creche sinalizam que essa situação tende a mudar. Para que isso ocorra, faz-se necessário aprofundar os estudos em torno das linguagens infantis é a isso que me proponho com este trabalho.*

No entanto, apesar das contradições, este foi um ano em que muitas recreadores e agentes auxiliares de creche puderam conhecer o seu potencial de educador, dando voz à criança e oferecendo além de um ambiente agradável, propostas de mediação. Com as reuniões de Centro de Estudos feitos pela professora articuladora (PA), todas tiveram a oportunidade de conhecer um pouco sobre o mundo da criança.

Tempos depois, assim que a diretora anterior se aposentou, essa PA assumiu o cargo. Ela já havia atuado como substituta e, nas eleições para direção escolar, a sua chapa ganhou. A proposta que foi apresentada para a 2ª CRE, como metas e ações pedagógicas a serem cumpridas em seu mandato, foram as seguintes:

- *Entendemos e respeitamos a creche como um espaço de educação infantil, além de representar uma estrutura que acolhe a infância, constituindo-se como um importante recurso para o desenvolvimento pleno das habilidades e capacidades de cada criança.*
- *Planejamos atuar preparando a creche como um espaço para receber as crianças em um ambiente organizado, rico e estimulador, capaz de desenvolver na criança habilidades sociais e dar a ela a oportunidade de vivenciar, desde muito cedo, situações de aprendizagem que despertem a curiosidade, criatividade e interesse pelo mundo à sua volta.*
- *O planejamento pedagógico terá enfoque na importância do planejamento das atividades pedagógicas, das rotinas diárias, de trabalhos diversificados, através de atividades como artes plásticas, teatro, música, brincadeiras e rodas de leitura.*
- *Cabe ao diretor, gerenciar as questões de ordem pedagógica, orçamentária e administrativa inerentes à instituição, contando com o apoio do diretor adjunto, que o complementa e substitui na gerência da Unidade escolar.*
- *Investir sempre em novos equipamentos e nas pessoas para utilizá-los com competência.*
- *Utilizar os recursos da mídia e comunicação.*
- *Utilizar processos facilitadores para as prestações de contas de forma consciente e responsável.*
- *Implementar maiores parcerias utilizando talentos locais para execução de atividades para os alunos, funcionários e pais, assim como voluntários para diversificar e complementar nosso trabalho trazendo tanto a família quanto a comunidade à vida escolar.*
- *Construir uma sala para atividades multidisciplinares. Utilizando as verbas pertinentes.*
- *Quebrar preconceitos ainda apresentados por alguns pais e funcionários,*

trabalhando a inclusão e a valorização dos profissionais.

- *Continuar utilizando as diretrizes curriculares para educação infantil fornecida pela SME.*
- *Participar ativamente de todos os encontros, capacitações e seminários oferecidos aos profissionais da U.E.*
- *Dar início ao processo de legalização do CNPJ e o registro em cartório, para sermos beneficiadas com o PDDE.*
- *Alinhar pessoas em torno de ideias centrais proporcionando mecanismos de crescimento.*
- *Ter iniciativa e firmeza de propósitos na implementação e realização das ações.*
- *Estimular e incentivar as ações positivas de nossa unidade escolar, sempre que possível, reconhecendo essas iniciativas e validando as pessoas que as iniciaram.*
- *Conduzir nossas atribuições sempre respeitando os princípios éticos, com imparcialidade e isenção, mas sem ser ausente e distante dos acontecimentos.*
- *Continuar a manutenção da rede física da creche realizando obras de melhorias em suas instalações (substituição de básculas/janelas, e colocação de azulejos nas paredes externas, criação de novo almoxarifado, etc...)*
- *Atuar com compromisso e responsabilidade.*
- *Aprofundar nosso conhecimento dos assuntos técnicos pedagógicos, administrativos, financeiros e legislativos.*

Estas são as propostas, o PPP será construído a partir de 2013 junto com todo o corpo docente da creche.

3. 4 Análises das mudanças ocorridas

Em algumas salas percebo uma mudança do olhar dos educadores para a disponibilização dos brinquedos de forma que as crianças tenham acesso de maneira organizada. A grande mudança aconteceu no início do ano de 2011, quando alguns materiais, que ficavam no alto, como, por exemplo, a chamadinha e o

cantinho da leitura, foram rebaixados para que ficassem ao alcance das crianças. Esta iniciativa partiu da antiga diretora adjunta que assumiu a direção e tem como proposta o desenvolvimento da autonomia e valorização da identidade de cada criança.

Fig.3 - Livros no alto



Fonte: Acervo do autor

Fig.4 - Brinquedos no baú



Fonte: Acervo do Autor

Fig.5 - Brinquedos no alto



Fonte: Acervo do Autor

A partir desta iniciativa, os cantinhos começaram a aparecer em todas as salas, propostos pelos educadores. Criou-se o cantinho da leitura e o acesso livre para o uso dos livros despertou a curiosidade das crianças bem pequenas, como as da minha turma. No cantinho da fantasia, as crianças têm o seu momento de criação, representação, e ludicidade. Elas vestem as roupas e fantasias e brincam livremente no pátio ou na própria sala. Os brinquedos que ficavam em caixas de lixo; hoje são postos em prateleiras ou num pequeno baú, no canto da sala e à disposição de cada criança, que pode pegar o que desejar.

Fig.6 - Brinquedos Arrumados



Fonte: Acervo do Autor

Fig.7 - Sala Modificada



Fonte: Acervo do Autor

Fig.8 - Canto da Leitura



Fonte: Acervo do autor

Todos os brinquedos novos que chegam à creche recebem tratamento especial. Antes de serem oferecidos, é feita uma conversa em roda para que todos possam pensar sobre o cuidado que devem ter com brinquedos, e o que podem fazer para não quebrá-los. Com as crianças maiores, este trabalho é um pouco mais fácil, pela maior compreensão. Com os bebês é mais trabalhoso. No momento de oferecer o brinquedo ou favorecer a sua escolha, é necessário que o educador observe a criança brincar e converse com ela, dizendo que tenha cuidado e ensinado a brincar, pois para que elas saibam brincar, precisam de um modelo. Este momento é bem oportuno para que haja interação das educadoras com as crianças.

Fig.9 - Escolhas de brinquedos



Fonte: Acervo do Autor

Fig.10 - Momento leitura



Fonte: Acervo do Autor

As sugestões de brincadeiras por parte do professor são feitas de várias maneiras. O uso da sucata e a sua transformação são uma forma de gerar experimentação e de identificar o que cada uma deseja. Trabalhar dessa forma tem o intuito de levar as crianças a conhecerem o mundo, partindo de suas iniciativas.

Fig.11- Brincadeira de Roda



Fonte: Acervo do autor

Com as crianças maiores, as brincadeiras tradicionais como as de roda ou “galinha choca”, “meus pintinhos, venham cá”, entre outras, promovem a interação, o respeito, a compreensão das regras e aumenta o repertório de músicas que são cantadas e fornecem o enredo dessas brincadeiras. São todas, em geral, bem aceitas pelas crianças, pois isto ainda é promovido com pouca frequência. Com as crianças menores, as brincadeiras com músicas, de dança e com os dois movimentos juntos provocam maior interesse e despertam a curiosidade por outros tipos.

Fig.12- Brincado de galinha choca



Fonte: Acervo do Autor

A brincadeira sem a mediação direta do professor acontece, na maioria das vezes, no espaço exterior da creche, no pátio. Lá, o direito de organizar as próprias brincadeiras, correr, pular, engatinhar, rolar, enfim, desenvolver toda a capacidade motora e exercer a autonomia gerada pela liberdade de escolha é possível. Este espaço é de livre acesso para todas as turmas. Os horários são divididos em dois períodos, manhã e tarde, dando a oportunidade de cada turma utilizar o pátio duas vezes ao dia.

Fig.13 - Brincadeira de boneca



Fonte: Acervo do Autor

Todavia este não é o único espaço de desenvolvimento dessas áreas. A sala, apesar de ter mesas e cadeiras, é um lugar em que a brincadeira espontânea é promovida. Os professores, ao arrumarem o espaço, encostando as mesas nas paredes e deixando-o livre, favorecem que as crianças desfrutem dessa possibilidade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aparentemente, os critérios referentes ao direito de brincar de toda criança não eram conhecidos, ou melhor, esclarecidos, nem para os profissionais, que atuavam em sala de aula, nem para os responsáveis. O brincar acontecia como um momento livre, que existia entre os momentos de cuidar estes sim privilegiados. Isto ainda é bem forte, tendo em vista que a direção anterior nunca fez uma reunião de centro de estudos para professores e responsáveis, que fundamentasse a importância do brincar como um espaço de aprendizagem lúdica da criança. Sendo assim, os profissionais não sabiam da importância desses momentos. A interação dos professores junto às crianças, durante a brincadeira, também é algo que pouco acontece dentro das salas. No entanto, nos momentos festivos, alguns vestem a camisa e se deixam envolver para a felicidade dos pequenos.

Fig.14 - Professores caracterizados para o dia das crianças



Fonte: Acervo do Autor

A tendência de apenas observar as crianças brincando ainda é bem mais forte do que ver uma educadora brincando com um aluno, respondendo ao convite que lhe é feito. Exemplo disso são dois meninos que não brincavam e sempre estavam em um canto sentados. Pareciam autistas e as educadoras não os incentivavam a brincar. Certa vez, a atual diretora, ainda em seu cargo anterior, persistiu em tentar brincar de jogar a bola, mesmo que, de início, eles não demonstrassem interesse. Até que eles passaram a corresponder, jogando novamente a bola para ela. Ali, ao tentar inseri-los na brincadeira, ela os provocou a estabelecer uma pequena relação com ela. Esta posição deveria ser também da professora das crianças. No entanto,

essa conscientização sobre o valor significativo, que existe na relação do aluno com o professor, no momento do brincar, parece ainda não existir. Essa seria a melhor maneira de se criar um vínculo afetivo, gerando confiança e abrindo possibilidades de desenvolvimento.

A Creche Castelinho vem seguindo no propósito de valorizar o brincar, no entanto, nem todos sabem da real importância deste ato que parece tão simples. Quando as crianças são ainda pequenas, o momento do brincar não deveria ser apenas da criança. A partir do olhar observador do educador, ele poderia interferir, interagir, participar e provocar o desenvolvimento de novas possibilidades. Como essa consciência ainda não existe, também os responsáveis não são alertados para a magia que existe no brincar e acabam por não dar crédito a estes momentos.

A construção do futuro cabe ao que vivemos no presente e no que fazemos para que ele possa ser melhorado e transformado. A educação vem sofrendo transformações, como resultado dos pressupostos teóricos que embasam a política educacional. Somente agora, no final deste século, é que as Diretrizes Curriculares (data) foram estabelecidas valorizando a criança como um ser que possui alma e inteligência cognitiva é tratada como um indivíduo social.

As mudanças na creche foram ocorrendo gradativamente. Primeiro com a capacitação dos profissionais, que passaram no concurso de agente auxiliar de creche. Muitos deles possuem um conhecimento básico sobre a Educação Infantil. Logo depois, o que mais almejava era a troca de direção da creche. Isto aconteceu no início de 2010 e as mudanças já são notórias, devido à concepção de educação abordada pela professora (PA) que assumiu o cargo. Uma concepção que está fundamentada na valorização da criança e que acredita que construímos o nosso futuro agora, no presente, e que, portanto, as transformações devem acontecer já.

A partir dessa pesquisa, identifico que a mudança necessária não seria de imediato alterar a rotina. De acordo com o que venho estudando no ISEPS, o primeiro investimento seria na formação dos profissionais que atuam como professores. Acredito que isto já está sendo providenciado.

Minhas colegas dizem que eu quero mudar o mundo, mas não sabem que sou capaz sim de mudar o mundo, através das pequenas crianças, nas quais acredito e deposito tudo o que tenho.

Depois de fazer toda a pesquisa de campo pude compreender o que de fato

leva uma instituição de educação a pensar na criança como um ser, que tem voz, iniciativa, capacidade de criação e recriação. As mudanças somente aconteceram, devido à postura que a gestora teve diante de toda a equipe. Ela desequilibrou os profissionais levando-os a pensar de outra forma (um novo olhar). Para que esse ambiente pudesse ser de fato transformado, foi necessária uma formação que a fundamentasse no exercício da direção. Ela tinha um olhar aguçado para o mundo da criança, quando iniciou seu curso no ISEPS em 2009. No entanto, seu papel ainda era de PA (Professora Articuladora) e não podia fazer as mudanças necessárias e cabíveis para instigar o pensamento dos educadores que atuavam no local. Quando não se tem uma gestão que faz seus alunos pensarem sobre o que estão fazendo, o processo de aprendizagem fica estagnado. Como Madalena Freire dizia, em uma de suas aulas, mesmo não atuando diretamente com crianças ou adolescentes, a diretora era uma professora. Deu como exemplo seu papel de coordenadora do curso no ISEPS, em que orientava e fazia sua equipe de professores pensarem, encaminhando, intervindo e devolvendo para que eles pudessem tecer o seu ensinar.

Foi baseada nesta concepção que busquei investigar os resultados de um trabalho que possibilitava a formação de opiniões. Para o crescimento e desenvolvimento do ser, o professor exerce um papel de construção de si próprio e do outro. A creche se desenvolveu em todos os aspectos, porque a gestão escolar assumiu o seu papel, causando mudanças, provocando a forma de pensar, dos educadores, ao intervir na arrumação das salas de aula, mesmo contra a vontade de alguns.

Intervir, encaminhar e devolver, instrumentos que provocam o desejo e a reflexão da prática pedagógica do professor, movendo todos os sentimentos de medo, paixão dor, ódio, amor. O movimento de mudança deve ser provocado pelos educadores que tenham esta sede de transformação em função da construção do ser criança, gerando o desejo e a paixão por ensinar.

Numa gestão descompromissada com a descoberta da criança, sem expectativas de desenvolvimento, os educadores que não sabem o porquê de estar nesta posição e não buscam conhecer o que tem em mãos. Afinal, o verdadeiro professor está em constante processo de aprendizagem junto com os alunos. Ensinar é um bate e volta, dói em quem aprende e em quem ensina, num processo

que vem da alma, por que é assim que nos constituímos como pessoa e aprendemos a lidar com nossos medos, ódios e fantasmas. Ensinar é também aprender.

A professora/diretora deu o primeiro ponto para tecer o jaleco a partir de sua consciência pedagógica democrática de quem havia estudado no ISEPS. O resultado foi totalmente favorável para a autonomia das crianças e para um ensinar mais criativo e... trabalhoso. Para os educadores não foi fácil ensinar as crianças a lidarem com os objetos que estavam a sua disposição.

Para que um espaço de educação valorize a prática pedagógica dos profissionais e, principalmente, o desenvolvimento das crianças há que contar com a formação dos gestores escolares, indivíduos que permanentemente necessitam conhecer a criança e o mundo que a envolve, com embasamentos teóricos e práticos. Precisam estar encharcados da idéia de que sua função é a de coordenar possíveis formadores, os quais tem em suas mãos a possibilidade de facilitar o desenvolvimento de cada aluno. Ou seja, um coordenador deve ter consciência e capacidade profissional para liderar uma escola.

Quando o planejamento não é cobrado e o professor faz o que lhe vem à cabeça, muitas vezes esperando a iniciativa de uma criança para assim pensar em uma atividade, o desenvolvimento da turma torna-se vulnerável. A mesma coisa acontece quando não se investe na formação continuada desses educadores, nas reuniões pedagógicas. Mas não somente o coordenador tem grande importância no processo de construção de uma metodologia pedagógica, os professores precisam estar abertos para a ampliação de seu modo de ver. Fazem-se necessários vários tipos de olhar: a) para si mesmos, que analisa minuciosamente suas práticas, suas ações repetidas e mecânicas; b) para seus cadernos de planejamento que às vezes existe há anos, sem renovação e criação de novas tentativas; c) que o faça estremecer em simples situações do cotidiano.

BIBLIOGRAFIA

ABBOLT, Lesley. "Brincar é Bom: Desenvolvendo o Brincar em escolas e salas de aula. In: MOYLES, Janet R. **A excelência do brincar: a Importância da brincadeira na Transição Entre Educação Infantil e anos iniciais**. São Paulo: Artmed, 2008. Cap. 6, p. 94-107.

BOMTEMPO, Edna. A Brincadeira de faz de conta: Lugar do simbolismo, da representação, do imaginário. In: KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogo, brincadeira, brincadeira e a educação**. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2011. Cap. 3, p. 63-79.

BORBA, Angela Meyer. A Brincadeira Como Experiência de Cultura. In: CORSINO, Patrícia. **Educação infantil: Cotidiano e políticas**. São Paulo: Autores Associados, 2012. p. 65-74.

BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases para a Educação**, 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em nov. 2012.

BROUGÈRE, Gilles. A criança e a Cultura Lúdica. In: KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **O Brincar e sua Teoria**. São Paulo: Thomson, 1998. Cap. 1, p. 19-32.

BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e cultura: questões da nossa época**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

CORSINO, Patrícia. **Educação infantil: Cotidiano e políticas**. São Paulo: Autores Associados, 2012.

FREIRE, Madalena. **Educador: educa a dor**. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessário para à pratica educativa**. 41. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

MARANHÃO, Diva. **Ensinar brincando: a aprendizagem pode ser uma grande brincadeira**. 3. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2004.

MOYLES, Janet. R. **A excelência do brincar: a importância da brincadeira na transição entre educação infantil e anos iniciais**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky: Aprendizagem e desenvolvimento: um processo sócio-historico**. São Paulo: Scipione, 2003.

PIAGET, Jean. **Construção do real na criança**. 3. ed, São Paulo: Ática, 2006.

SAMPAIO, Rosa Maria Whitaker. **Freinet: evolução história e atualidade**. 2. ed. São Paulo: Scipione, 2007.